

Humor, precisão, ironia: a arte de Guto Lacaz
por Bebel Abreu, de São Paulo, especial para a revista *Todavia*

Na exposição *A imagem do som de Caetano Veloso* o curador Felipe Taborda convidou 80 artistas para transformarem em imagem as músicas do fundamental cantor e compositor baiano.

Era 1998, eu estava no Rio de Janeiro a passeio e me lembro de ter achado muito interessante a ideia do curador. Uma obra em especial me chamou a atenção: para ilustrar a canção *A terceira margem do rio* o artista se valeu de um truque ótico e transformou duas canoas em três. Na legenda, um nome que eu passei a acompanhar: Guto Lacaz.

Em 2004 me mudei para São Paulo e fui trabalhar na Editora Abril, organizando uma grande exposição coletiva de ilustrações já publicadas pela casa. Lá estava ele outra vez, emprestando seu traço genial a assuntos que iam da cultura à ciência. Anos depois, fui ao Museu da Casa Brasileira visitar a exposição Santos=Dumont designer, que trazia instalações lindas e delicadas com a obra de nosso avião e – bingo! – a concepção era de quem? Um doce pra quem adivinhar.

É uma alegria perceber que a cada novo trabalho Guto vai, mais uma vez, além de sua zona de conforto. Desbrava novas técnicas e expressões, sempre imprimindo sua marca pessoal cheia de humor e permeada de ironia, elegância e precisão.

O artista me recebeu em sua casa-atelier em São Paulo numa manhã de outono para contar mais sobre seus mestres, sua trajetória e sua curiosidade. Nomeou diversos professores e artistas que o influenciaram ao longo da carreira, com quem muito aprendeu e a quem devota enorme gratidão. É raro ver essa humildade em mentes criativas desta magnitude.

Citou de Sempé a Steinberg, de Quino a J. Carlos, e outros artistas com quem teve a oportunidade de conviver. Falou que acha graça da glamourização das artes, segundo ele "um ofício como outro qualquer, como o sapateiro, que exige dedicação e ritmo", citando a frase de Picasso: "A inspiração existe, mas tem que te encontrar trabalhando".

Trajeto

Carlos Augusto Martins Lacaz nasceu em São Paulo em 1948, e desde menino gostava de inventar coisas. Repetir de ano no Colégio Dante Alighieri o fez mudar para o chamado Ginásio Vocacional, instituição de ensino que ia além dos currículos básicos e oferecia disciplinas práticas e laboratórios. Ali encontrou o campo fértil para fazer seus objetos curiosos, como um *intercomunicador* (que décadas depois conheceríamos como o popular interfone) e outras traquitanas. Formou-se em eletrônica industrial pelo Liceu Eduardo Prado, em 1970, e quatro anos depois em arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São José dos Campos, uma escola que oferecia uma formação plural, com cursos de fotografia, cinema, artes e comunicação.

Seguiu desenhando bastante durante a graduação, muito inspirado em cartuns, que em suas palavras é "um desenho sem fala que se encerra com uma gracinha" – a síntese, o desenho e o humor num único lugar. Grande fã d'*O Pasquim*, o bastião da resistência na ditadura brasileira, teve a alegria de ter um desenho seu publicado no jornal, em 1970.

Depois de formado chegou a trabalhar por alguns anos em um escritório de arquitetura. A empresa fechou e ele acabou sendo levado a enveredar pelas artes gráficas, criando logos para empresas de familiares e fazendo ilustrações para a Abril, na época áurea da editora. Foi levado pra lá pelas mãos de Mario Cafiero, com quem aprendeu tudo sobre revistas: linhas de corte, escala, prova de cor, produção gráfica, fotolito... Ainda nesta época conheceu Ricardo Van Steen e Rafic Farah, outros dois nomes essenciais em sua formação. Aprendeu com o melhor de cada mestre: de Cafiero entendeu como trabalhar a fundo as soluções ("Era um virtuose!"); com Steen conheceu a Garamond e descobriu como editar e diagramar uma página de revista; e com Rafic Farah entendeu que a força criativa pode encontrar espaço nos últimos 5 minutos do prazo final – e fornecer ao problema dado uma solução brilhante.

Num tempo em que o mercado fervia, fez de tudo na área: logos, folders, cartazes, capas de livro e de discos, revistas inteiras. Fez sua vida como artista gráfico: comprou sua casa e educou a filha Nina com este ofício, mas nota que hoje já não tem tantas demandas. Atribui a mudança aos novos tempos digitais e à gigantesca concorrência, com faculdades de design gráfico pipocando em todos os cantos e despejando milhares de profissionais por ano no mercado.

Guto disse que quando vê uma maneira nova de expressão já começa a pensar em como fazer também: de performances a instalações, passando por novas técnicas de pintura e tecnologias diversas.

Pois no fim dos anos 1970 viu um cartaz que mudou sua vida: o anúncio do concurso *Objeto inusitado*, que oferecia prêmio em dinheiro e exposição no MIS - Museu da Imagem e do Som. Seu trabalho não só foi selecionado como foi considerado a grande revelação da mostra, com enorme repercussão na imprensa. Reconhecendo-se então como artista plástico, buscou complementar sua formação através da participação em cursos livres e aulas abertas nos ateliers de grandes nomes como Regina da Silveira e Dudi Maia Rosa. A observação e o exercício da cópia e das releituras ampliaram seu aprendizado, e Guto se enveredou pela pintura e pela instalação.

Em 1986 foi convidado pela Fundação Bienal de São Paulo a participar da exposição *A Trama do Gosto*. Apresentou *Eletro Esfero Espaço*, uma instalação com 26 aspiradores de pó e bolinhas de isopor suspensas no ar. A obra foi adquirida 30 anos depois pela Pinacoteca de São Paulo, com nova exibição na Estação Pinacoteca.

Pelas mãos de Ivald Granatto e José Roberto Aguilar conheceu a performance, que veio a se tornar uma de suas maiores paixões – e lá foi Guto mudar de suporte mais uma vez. Destacam-se nesta área trabalhos como *Eletro-Performance* (1984); *Estranha Descoberta Acidental* (1984); *O Executivo Heavy Metal* (1987); *Espetáculo Máquinas II* (1999) e *Ludovô* (2016).

Reconhecimento

Em 2010 entrou para a AGI - Alliance Graphique Internationale, um clube internacional composto pela elite das artes gráficas mundiais, que tem em sua lista de sócios a norte-americana Paula Scher e o austríaco Stefan Sagmeister, além de mestres como o alemão Pierre Mendell e Milton Glaser. Entrou por indicação de outros dois grandes artistas brasileiros: Kiko Farkas e Rico Lins (não sem antes passar pelo rigoroso crivo dos demais colegas).

A dupla capitaneou a primeira edição do encontro anual feita no Hemisfério Sul em quase 60 anos de atividade, e São Paulo recebeu, em 2014, o AGI Congress.

A Guto coube dar uma palestra sobre seu trabalho na conferência aberta do evento. Mesmo sendo um tímido inveterado, encarou uma plateia de 800 pessoas com um avião de brinquedo nas mãos. Começou falando de Santos Dumont, a quem chama de 'o primeiro designer brasileiro', avançou com suas obras e contou histórias de bastidores, fez piadas com o mesmo humor, simplicidade e ironia que permeiam suas criações. Foi aplaudido de pé ao final daquela que foi considerada a melhor palestra da conferência.

O AGI Open foi realizado no Parque Ibirapuera, local que já recebeu grandes instalações do artista: *Auditório para Questões Delicadas* (1989), *Objetos Flutuantes Não Identificados Ibirapuera*, ou simplesmente *OFNIs Ibirapuera* (2012), e *18*, composta por um barco com 18 remos comandados por apenas um remador. O artista a descreveu assim: “Será o objeto flutuante mais estranho e intrigante já visto em deslocamento sobre as águas. Produzirá magnífico efeito óptico, que encantarà os observadores e frequentadores do Parque”.

Falando de obras de grandes dimensões em espaços públicos, lembro da alegria de ver a inesperada leveza de *Ulysses, o elefante biruta*, uma escultura cinética de 400kg e 5m de altura instalada no Parque Pedreira do Chapadão, em Campinas. E ainda quero passear de *Biciclótica* – a divertida bicicleta de círculos preto-e-branco que giram com as pedaladas e que marcou presença na cerimônia de abertura das Olimpíadas Rio 2016.

Passando em 2015 pela Rua Vergueiro, em São Paulo, avistei a edição ampliada de *Alex Alex*, escultura feita por Lacaz em homenagem ao grafite de Alex Vallauri instalada na fachada do Centro Cultural São Paulo. Dois anos depois me deparei com ela no estande da galeria Periscópio, na feira SP Arte, realizada também no edifício da Fundação Bienal, no Ibirapuera, junto com outros trabalhos do artista.

O parque recebeu ainda, em 2010, uma versão em tamanho natural da obra que vi no Rio de Janeiro em 1998, em comemoração ao Dia Mundial da Água.

Após rever sua obra e trajetória é inevitável pensar (com admiração e uma pontinha de inveja) que os rios de nós, meros mortais, só podem ter duas margens – e que o rio deste gênio chamado Guto Lacaz, através de sua poesia e de sua arte, tem três.